

## LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Rosemari Probst Soares<sup>1</sup>; Francisco Sallas Louzada da Silva<sup>2</sup>

*Escola Barão do Rio Branco*

*rosemari@escolabarao.com.br<sup>1</sup>*

*Escola Barão do Rio Branco*

*francisco@escolabarao.com.br<sup>2</sup>*

**Resumo:** O trabalho focaliza a contribuição da avaliação da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental em turmas de 2º ao 4º ano, por meio da aplicação de um teste de leitura oral, organizado por níveis de leitura. Os sujeitos foram estudantes das turmas de 4º ano do ensino fundamental. O instrumento para a coleta de dados foi um teste de leitura, aplicado de forma e individual a partir da escuta da leitura de um texto narrativo. O estudo teve como objetivo diagnosticar o nível de leitura dos estudantes dos anos iniciais para intervir no processo e contribuir na formação de leitores proficientes em todas as etapas de ensino. Para desenvolver o teste de leitura a escola realizou estudos e pesquisas, analisou testes padronizados e ao verificar que não há um teste de leitura que avalie o nível de leitura dos estudantes dos anos iniciais, de forma oral, desenvolveu seu próprio instrumento. Para tratar os dados e analisá-los recorreu-se ao resultado de pesquisas e testes nacionais e internacionais sobre leitura. Os referenciais teóricos da pesquisa foram elaborados com base nas ideias de Solé (1998), do Relatório do PISA, do IDEB (2017) e da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2017). O resultado do teste revelou que os estudantes apresentam bons níveis de leitura se compararmos com os dados obtidos por testes padronizados em avaliações externas. No entanto, como o teste aplicado apresenta o diferencial de avaliar a leitura, compreende-se os resultados devem ser trabalhados conforme a especificidade de cada nível.

**Palavras-chave:** leitura, aprendizagem, avaliação, proficiência.

### 1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica. A leitura é extremamente importante para todos nós. É por meio da leitura que temos acesso ao universo de informações de diversas formas e em todos os lugares do mundo. Pesquisas indicam que bons leitores desenvolvem melhor seu senso crítico e possuem rendimento escolar elevado.

Ler, ajuda o estudante a ter maior familiaridade com o universo da escrita. Esta aproximação facilita a alfabetização e ajuda na formação da proficiência leitora em todos os componentes curriculares. Levando em consideração que a maioria das escolas utiliza o livro didático como principal suporte para o ensino, a escolha de textos para leitura, muitas vezes, fica por conta da escola.

Podemos considerar a escola como lugar central da aquisição da leitura e escrita, bem como agência formadora de leitores. A escola é um dos lugares para compartilhar conhecimentos. A leitura transcende o ambiente escolar e um dos objetivos é fazer com que os estudantes, desde os primeiros anos da alfabetização, aprendam a ler. Saber ler e compreender o que se lê é indispensável para a vida social e cultural dos cidadãos. Ressaltamos ainda a importância em diferenciar a leitura enquanto decodificação, de leitura significativa e proficiente. Para isso é necessário ter clareza e conhecimento sobre as competências e habilidades de leitura previstas para cada ano de escolarização.

Pesquisas apontam para falta de proficiência leitora dos brasileiros em todas as idades. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), e pesquisas como a Retratos da Leitura no Brasil (2017) revelam dados alarmantes sobre essa situação na educação brasileira.

A 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2016, revela que o Brasil tem 44% de não leitores. Isso engloba milhares de brasileiros em diversas faixas etárias. O Indicador Nacional de Alfabetização Funcional (INAF), apresenta que, apesar de detectar uma melhora nos últimos 15 anos, o percentual da população funcionalmente alfabetizada passou de 61%, em 2001, para 73%, em 2015. Os dados mostram ainda que apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura e escrita.

Tais indicadores revelam que temos analfabetos funcionais entre 27% dos brasileiros que concluíram o ensino fundamental, sendo que destes, somente 23% dominam a leitura e 8% compreendem plenamente o que leem, ou seja, tem capacidade de análise e crítica. Dos participantes da pesquisa, 60% indicam dificuldade de compreensão ou habilidade leitora.

A partir desta pesquisa e dos indicadores do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) Programme for International Student Assessment —, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), publicado em 2015. O Brasil não é um país de leitores. O desempenho médio dos estudantes brasileiros na avaliação de leitura foi de 407 pontos, valor significativamente inferior à média dos estudantes dos países membros da OCDE: 493. O desempenho médio na rede estadual brasileira foi de 402 pontos, enquanto na rede municipal observou-se desempenho médio de 325.

Segundo informações presentes na pesquisa os estudantes brasileiros mostraram melhor desempenho com textos representativos de situação pessoal (e-mails, mensagens instantâneas, blogues, cartas pessoais, textos literários e textos informativos) e desempenho inferior ao lidar com textos de situação pública (textos e documentos oficiais, notas públicas e notícias). Itens

com textos contínuos foram mais fáceis para os estudantes brasileiros. Esses textos são definidos por sua organização em orações e parágrafos, típicos de textos argumentativos, contos e romance, por exemplo, (BRASIL, 2015).

Em leitura os brasileiros são 50,99% abaixo do nível básico de proficiência. Somos cada vez mais uma população de analfabetos funcionais e isso gera um inevitável efeito cascata em todos os ciclos de ensino. Com esse nível baixo de proficiência uma parcela dos estudantes ingressam no ensino médio sem as competências básicas de leitura e escrita.

Diferentemente do que se acredita, os dados apresentados mostram que a escolas da rede federal tem média melhor do que das escolas privadas, a diferença é de 35 pontos, (BRASIL, 2015).

Diante de resultados tão preocupantes o estado brasileiro precisa rapidamente desenvolver formas baseadas em pesquisas precisas para melhorar estes índices, e a aplicação deve ter início imediato nas séries iniciais. O Ministério da Educação, por meio do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) aplica a Prova Brasil que contempla teste de leitura e matemática em escolas públicas aos estudantes do 5º ano e do 9º ano do ensino fundamental.

Diante disso, a Escola Barão do Rio Branco com objetivo de formar leitores proficientes em todas as etapas de ensino, acompanha esses estudos e desenvolveu um teste de leitura aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.

Os resultados do teste de leitura servem como diagnóstico e embasam o planejamento do ensino da leitura na escola. No ano de 2018, foi aplicado o primeiro teste de leitura oral com estudantes de 2º ao 4º ano do ensino fundamental. Neste trabalho, apresentamos a construção do teste, aplicabilidade, resultados e as estratégias educacionais a partir dos níveis de leitura.

## **2. METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de caráter quantitativo e qualitativo, foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental da Escola Barão do Rio Branco, Blumenau/SC, no período de julho a setembro de 2018. Todas as etapas deste estudo foram realizadas na escola em conjunto com a equipe gestora. Consideramos a pesquisa quantitativa por tratarmos de dados coletados na própria escola por meio de um teste de leitura aplicado aos estudantes das turmas de 2º ao 4º ano. E, o caráter qualitativo da pesquisa se dá na análise dos dados e nos embasamentos teóricos utilizados para interpretação dos resultados.

As escolas, de modo geral, tendem a avaliar os estudantes apenas pelo resultado das provas referente aos conteúdos ensinados. No entanto, o desempenho dos estudantes não está atrelado apenas a memorização dos conteúdos. Para compreender um pouco sobre os fatores que levam os estudantes a apresentarem melhores ou piores rendimentos nas provas em determinados componentes curriculares, a Escola Barão do Rio Branco desenvolveu um teste para avaliar a leitura dos estudantes das turmas de 2º ao 4º ano.

O teste foi elaborado para avaliar as habilidades de leitura previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o nível de leitura oral de cada estudante. Para isso, a aplicação do teste se deu em duas etapas: uma etapa com uma prova objetiva de múltipla escolha com dez questões, sendo que cada questão avalia uma única habilidade de Língua Portuguesa. A elaboração das questões segue o padrão utilizado nas provas externas, como Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e Prova Brasil, que trabalha com descritores e distratores. Mas, o que vamos analisar neste artigo é a segunda parte do teste, que prevê a escuta da leitura oral dos estudantes. Para isso, foi elaborada uma tabela de critérios com quatro níveis de leitura.

### **Critérios para avaliação da leitura oral ENSINO FUNDAMENTAL I**

Não lê.

#### **NÍVEL 1**

Descreve ilustrações sem estabelecer relações entre elas.

Descreve ilustrações e estabelece relações entre elas.

Decodifica sílabas pausadamente e obtém êxito em algumas.

#### **NÍVEL 2**

Lê pausadamente e necessita de intervenção para continuar a leitura nas palavras com sílabas simples.

Lê pausadamente e necessita de intervenção para continuar a leitura nas palavras com sílabas complexas.

#### **NÍVEL 3**

Lê, pausadamente o texto. Apresenta dificuldade para contar o que leu.

Lê, pausadamente o texto. Sabe contar o que leu.

Lê, omitindo sinais de pontuação.

#### **NÍVEL 4**

Lê com clareza, respeitando os sinais de pontuação (vírgula, ponto final, exclamação, interrogação).

Lê com clareza, sabe contar o que leu.

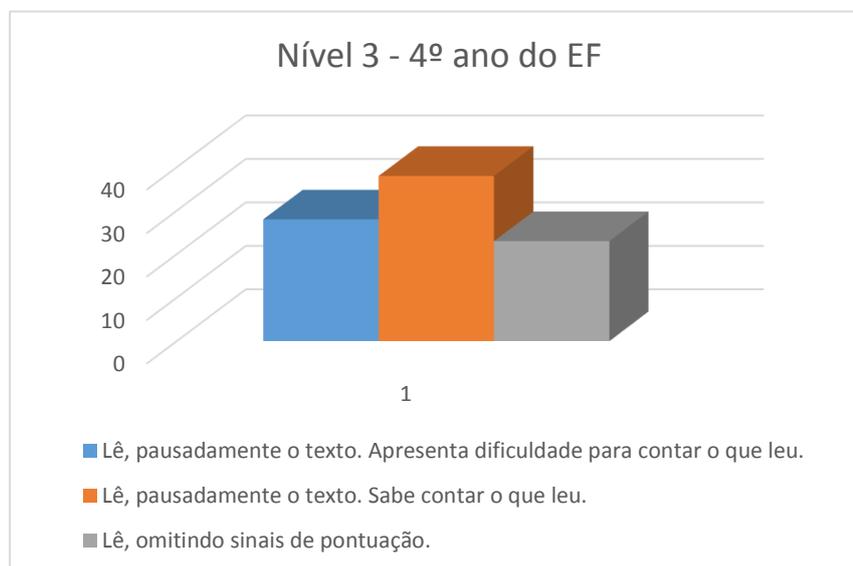
A tabela de critérios do teste foi dividida em quatro níveis com progressão de complexidade. O nível 1 refere-se aos estudantes ainda no início do processo de alfabetização ou à aqueles que não adquiriram essa habilidade. No nível 2 classificam-se os estudantes que iniciaram a decodificação das palavras, ou seja, que ainda encontram-se em um processo inicial

de leitura. Já os níveis 3 e 4 apresentam uma progressão na leitura e espera-se que os estudantes das turmas de 3º e 4º ano estejam nestes níveis.

Para aplicar o teste, foi necessário selecionar um texto de acordo com a faixa etária avaliada. Para as turmas do 2º ano foi selecionado o trecho de uma história em quadrinhos. Já para as turmas do 3º e 4º ano foram usados textos narrativos. Antes da aplicação do teste, as professoras receberam formação e orientação quanto aos critérios de avaliação e os procedimentos de aplicação. Concluída a aplicação individual, os dados foram compilados e geraram gráficos de desempenho por níveis. Para registro e análise vamos usar os dados da aplicação das turmas de 4º ano. São 6 turmas num total de 172 estudantes avaliados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

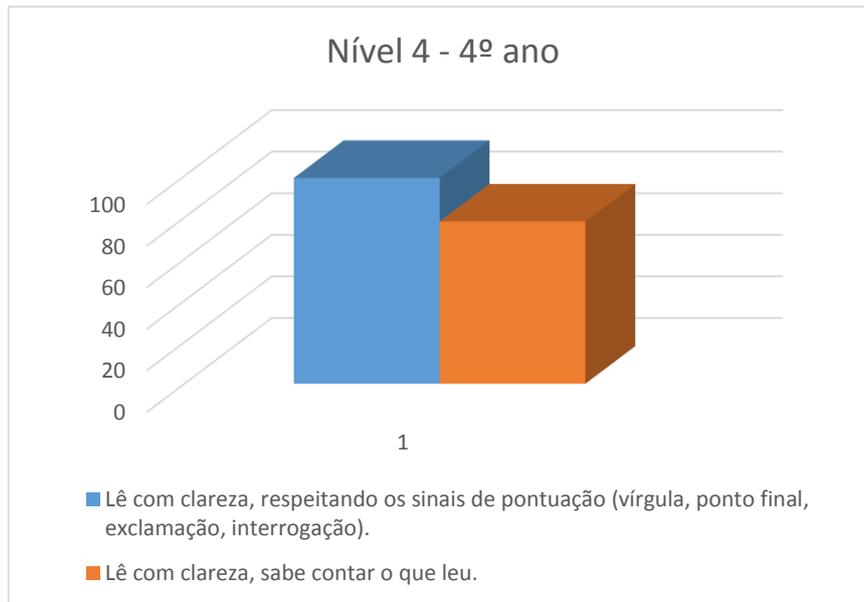
Dos 172 estudantes avaliados das turmas de 4º ano, observou-se que 37% encontram-se no nível 4, ou seja, ainda não adquiriram a habilidade de extrair as ideias principais do texto para resumí-lo.



A análise dos níveis de leitura faz com que identifiquemos algumas falhas no processo de leitura. Podemos ainda dividir os níveis a partir dos critérios avaliados e elencar estratégias de ensino e aprendizagem para cada um deles.

Conforme Solé (2012, p. 62) “O ensino inicial da leitura deve garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas da sua aprendizagem”. Essas

diferentes etapas na aprendizagem da leitura é perceptível nos resultados apresentados nos gráficos. Podemos observar que em uma mesma etapa de ensino temos níveis de leituras diferenciados. E isso impacta no dia a dia da sala de aula e no resultado das avaliações em outros componentes curriculares.



Se observarmos no gráfico de Nível 3, temos 28 estudantes que ainda leem pausadamente e apresentam dificuldade para contar o que leram. Em contrapartida, no Nível 4, 78 estudantes apresentam clareza na leitura e sabem contar o que leram. Há uma discrepância entre os níveis de leitura em um grupo de estudantes que frequentam o mesmo ano, recebem o mesmo ensino, fazem as mesmas atividades e realizam as mesmas provas em todos os componentes curriculares. Se analisarmos o desempenho destes estudantes, expresso em notas por meio das provas, podemos nos deparar com resultados que vem ao encontro dos níveis de leitura. E é essa análise que faremos e iremos registrar para um próximo trabalho. Neste, a análise concentra-se nos diferentes níveis de leitura em um mesmo ano avaliado, no caso o 4º ano do ensino fundamental.

Para fazermos uma análise qualitativa dos resultados, recorreremos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que cita a importância da progressividade no ensino da leitura.

A demanda cognitiva das atividades de leitura deve aumentar progressivamente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Esta complexidade se expressa pela articulação:

- da diversidade dos gêneros textuais escolhidos e das práticas consideradas em cada campo;



- da complexidade textual que se concretiza pela temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos utilizados, orquestração de vozes e linguagens presentes no texto;
- do uso de habilidades de leitura que exigem processos mentais necessários e progressivamente mais demandantes, passando de processos de recuperação de informação (identificação, reconhecimento, organização) a processos de compreensão (comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferência) e de reflexão sobre o texto (justificação, análise, articulação, apreciação e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas);
- da consideração da cultura digital e das TDIC;
- da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente. (BNCC, 2017, p. 73).

A Escola Barão do Rio Branco atende um público de estudantes da educação infantil ao ensino médio e por isso preocupa-se com a qualidade do ensino e da aprendizagem desde os primeiros anos de escolarização. O investimento em aprimoramento dos processos de ensino só é possível mediante avaliação. Dentre as ações elencadas para avaliar a qualidade do ensino, destacamos o teste de leitura aplicado nos anos iniciais como uma das principais ferramentas para aferir a qualidade da aprendizagem dos estudantes, bem como aliar o ensino da leitura e suas habilidades como marco principal para elevar os níveis de aprendizagem dos alunos em todos os componentes curriculares.

Conforme citado pela BNCC (2017), é importante aumentar progressivamente a complexidade das atividades de leitura desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Mas, diante dos resultados apresentados pelo teste de leitura, avaliamos que antes de aumentar o nível de complexidade das atividades é necessário trabalhar as dificuldades apresentadas pelos estudantes nos anos iniciais, enquanto ainda estão em processo de aquisição da leitura e da escrita.

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BNCC, 2017, p. 69)

Essas práticas de linguagem são experienciadas pelos estudantes em todas as situações de comunicação e vivências sociais. Para Solé (1998, p. 21), “aprende-se a ler e a escrever lendo e escrevendo, vendo outras pessoas lerem e escreverem, tentando e errando, sempre guiados pela busca do significado ou pela necessidade de produzir algo que tenha sentido”.

Os resultados do teste de leitura oral dos estudantes da Escola Barão não estão sendo comparados de forma direta com o resultado de avaliações externas sobre leitura, uma vez que

estamos abordando a leitura oral dos estudantes. Nas pesquisas e estudos realizados para elaborar o teste, não encontramos nenhum teste padronizado para avaliar a leitura oral em estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Portanto, considera-se importante destacar os resultados quantitativos para elencar estratégias qualitativas para cada nível de leitura. O que é possível analisar neste teste é o desempenho entre as demais turmas de 2º e 3º ano em comparação com as turmas de 4º ano.

A leitura e a escrita são procedimentos; seu domínio pressupõe poder ler e escrever de forma convencional. Para ensinar os procedimentos, é preciso “mostrá-los” como condição prévia à sua prática independente. Assim como os professores e professoras mostram como misturar as tintas para obter uma cor determinada, ou como se deve proceder para registrar as observações sobre o crescimento de uma planta, deveriam poder mostrar o que eles fazem quando leem e escrevem. (SOLÉ, 1998, p. 63)

As turmas de 4º ano já estão com o processo de aquisição da leitura e escrita em fase de consolidação. No entanto, esse trabalho deve ser contínuo no que diz respeito a compreensão da função social da escrita e da leitura, bem como a apropriação de conhecimentos da cultura letrada, possibilitando ao estudante a aprendizagem da leitura.

Conforme relatório SAEB ANA (2016) os resultados do teste de leitura realizado em 2016 nas escolas públicas de todo o país com estudantes que frequentavam o 3º ano do ensino fundamental, revelam que a maior concentração de estudantes, encontram-se nos Níveis 2 e 3 da escala de leitura (33% e 32%). No Nível 2, os itens passam a exigir compreensão de textos simples, considerando as características do gênero e o resgate de informações contidas nele, principalmente no título ou na frase inicial. Já no Nível 3, além da compreensão geral de textos mais longos e complexos, constam também habilidades que requerem relacionar várias informações contidas no texto em um maior nível inferencial, tais como inferir sentido de expressão ou palavras e assunto em textos verbais e não verbais.

Ainda conforme o mesmo relatório SAEB ANA (2016) 41,5% dos estudantes de Santa Catarina atingiram o Nível 3 em leitura. O Nível 3, além da compreensão geral de textos mais longos e complexos, concentra habilidades que requerem relacionar várias informações contidas no texto e um maior nível inferencial, tais como inferir sentido de expressão ou palavras e assunto em textos verbais e não verbais.

Entendemos que ler, conforme destaca Solé (1998) “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. Partimos do pressuposto que toda leitura tem um objetivo e que lemos para atingir alguma finalidade. Esses objetivos vão desde obter uma informação por meio da leitura ou ler para preencher um momento de lazer. No entanto, ao ler mobilizamos conhecimentos prévios que nos facilitam a compreensão. Quando não temos conhecimento do tema ou assunto tendemos a não compreender diretamente o texto, ou seja, precisamos lê-lo novamente ou

buscar informações complementares para aprimorar a leitura. Dentre esses e outros fatores que envolvem a leitura, compreendemos que o trabalho deve partir de estratégias básicas como a decodificação da escrita. Conforme Solé (1998) em um leitor experiente, as habilidades de decodificação automatizam-se e só se tornam conscientes em certas ocasiões.

No leitor experiente as habilidades de decodificação automatizam-se e só se tornam conscientes em certas ocasiões - por exemplo, quando encontramos um texto manuscrito com letra tortuosa, enquanto o leitor aprendiz precisa utilizar tais habilidades com grande frequência, no contexto da busca do significado (SOLÉ, 1998, p.60).

Quando mais cedo conseguirmos identificar a fragilidade na leitura, maior serão as chances dos estudantes concluírem os anos iniciais do ensino fundamental com uma leitura adequada à faixa etária. Segundo Pinheiro (2006) devemos considerar a diversidade de textos que circulam na sociedade e o processo de leitura de cada leitor. Pode-se afirmar que os leitores usam estratégias diferenciadas para compreendê-los. As estratégias que usamos para a leitura de uma carta não é a mesma que usamos para a leitura de um convite, um anúncio, entre outros textos. Por isso, desenvolver habilidades voltadas a compreensão é fundamental para conseguir usar essas estratégias independente do gênero que se lê.

Nos anos iniciais do ensino fundamental algumas estratégias auxiliam no desenvolvimento da leitura. Essas estratégias, de acordo com Solé (1998) podem ser desenvolvidas antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura. A autora aborda como estratégias de compreensão leitora para antes da leitura a antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos paratextuais, como o título, subtítulo, imagens, grafias entre outros. Buscar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto também constitui-se com uma estratégia de antecipação. Todo texto abarca expectativas no leitor, essas aparecem na formatação do gênero e em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

Já as atividades citadas por Solé (1998) durante a leitura, tratam da confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas criadas antes da leitura. A localização ou construção do tema ou ideia principal, o esclarecimento de palavras desconhecidas a partir de inferência ou consulta ao significado da palavra, a formulação de conclusões implícitas no texto com base em outras leituras, a formulação de hipóteses a respeito da sequência do enredo, a identificação de palavras chave, a busca de informações complementares, a construção do sentido global do texto, a identificação das pistas que mostram a posição do autor, a relação de novas informações ao conhecimento prévio e a identificação de referência a outros textos.

Para depois da leitura, Solé (1998) descreve como essencial a construção da síntese semântica do texto, utilização do registro escrito para melhor compreensão, troca de impressões a respeito do texto lido, relação de informações para tirar conclusões para melhor compreensão, troca de impressões a respeito do texto lido, relação de informações para tirar conclusões, avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto e avaliação crítica do texto.

Essas estratégias tornam-se fundamentais e englobam as atividades de leitura. Na Escola Barão, o resultado do teste de leitura apontou caminhos que possibilitam selecionar essas estratégias e dar enfoque ao trabalho dentro dos níveis de leitura. Desta forma, pretende-se desenvolver um ensino da leitura que permeie as habilidades e se complexifique ao longo dos anos, objetivando que os estudantes cheguem ao ensino médio capazes de ler, compreender, fazer inferências, posicionar-se criticamente frente ao texto lido, manifestar opiniões e interagir na sociedade de forma autônoma.

#### **4. CONCLUSÃO**

A Escola Barão acompanha o resultado de pesquisas educacionais de âmbito nacional e internacional, bem como os resultados dos testes padronizados aplicados pelo Ministério da Educação. Diante das evidências reveladas pelas pesquisas e testes sobre a leitura dos estudantes brasileiros e preocupada com a qualidade do ensino e da aprendizagem da leitura, a escola estudou e desenvolveu uma alternativa para identificar o nível de leitura dos estudantes por compreender que não se pode esperar até o final dos anos iniciais do ensino fundamental para começar a identificar as lacunas na aprendizagem da leitura.

A aplicação do teste com as turmas de 2º ao 4º ano do ensino fundamental, revelou que os estudantes apresentam bons níveis de leitura se compararmos com os dados obtidos por testes padronizados em avaliações externas. No entanto, como o teste aplicado apresenta o diferencial de avaliar a leitura de forma oral, entendemos que os resultados devem ser trabalhados conforme a especificidade de cada nível.

Por isso, aumentar a complexidade das atividades é importante no desenvolvimento das habilidades de leitura, uma vez que diagnosticado as possíveis lacunas no processo para definir estratégias e levar ao aprimoramento da aprendizagem. Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, conforme dados do IDEB destacados anteriormente a queda no rendimento é acentuada. Então, ler vai muito além da decodificação de códigos. Por isso, priorizar o ensino da leitura na escola levando em consideração a progressão e a necessidade de formar leitores

proficientes antedece o ingresso dos estudantes no Ensino Médio e se torna função primordial da escola.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 30/08/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Histórico**. Brasília: MEC/INEP, 2018. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=956790>. Acesso em: 12/09/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. PISA. Brasília: MEC/INEP, 2018. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015\\_completo\\_final\\_baixa.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf). Acesso em 05/09/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. ANA: Avaliação Nacional da Alfabetização. Brasília: MEC/INEP, 2018. Disponível em: <http://ana.inep.gov.br/ANA/>. Acesso em 05/09/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Relatório SAEB/ANA 2016: panorama do Brasil e dos estados. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. 235 p. : il. ISBN 978-85-7863-060-7 1. Educação básica - Brasil. 2. Avaliação Nacional da Alfabetização. 3. Sistema de Avaliação da Educação Básica. I. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, Júlio César e BIASI-RODRIGUES, Bernadete (orgs.). **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed., Porto Alegre: Artmed, 1998.